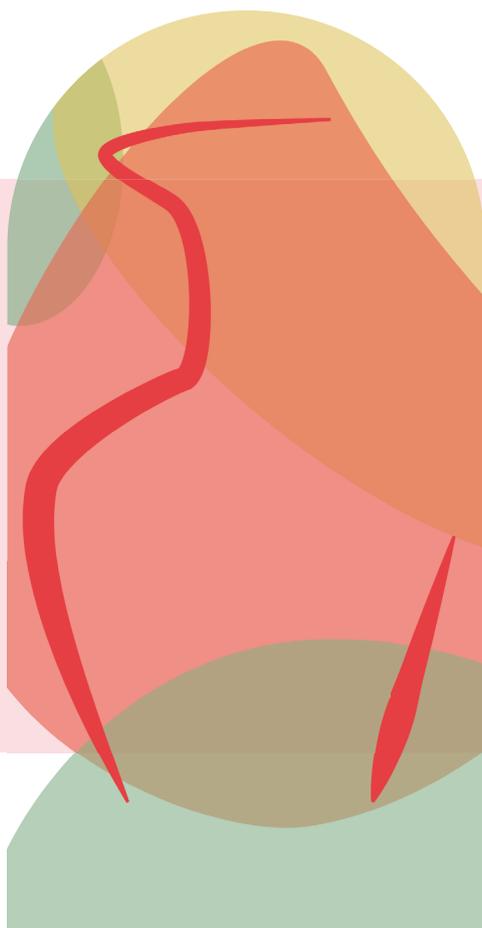


Os albúms de fotografias do jardim de infância modelo de Natal: memórias das infâncias escolares

Model kindergarden's photo albums in Natal/RN:
school children memories

volume 14 número 27 jun/dez 2020



Sarah de Lima Mendes¹

saraheduca@gmail.com

*Cultura Material:
objetos, imagens e representações - 1/2*

Resumo

Esse artigo tem como objetivo analisar a visualidade registrada pelo Jardim de Infância Modelo de Natal em meados da segunda metade do século XX em seus álbuns de fotografias escolares. A partir da percepção desse objeto de memória, aponta-se reflexões sobre representações imagéticas da infância em contextos escolares. Esse documento da cultura material escolar elabora uma narrativa acerca das turmas dos concluintes do ensino infantil, assim como das práticas que compõem o ritual de formatura. Dessa forma, tal discussão é proposta à luz dos conceitos de Representação e Memória, apresentados por Chartier (2002) e Le Goff (1996), respectivamente. Entre o abrir e o fechar dos álbuns de fotografias há uma narrativa que conta histórias mediada pelas fotos, textos e imagens, evocando um olhar sobre a cultura escolar. Por fim, percebe-se que há um padrão organizacional na composição dos álbuns que assume a função de preservar da memória.

Palavras-chave: Álbuns de Fotografia; Representação; Memória; Cultura Escolar; Jardim de Infância.

Abstract

This article aims to analyze the visuality registered by the model kindergarten of Natal/RN in the middle of the second half of the 20th century in its school photo albums. From the perception of this memory object, reflections on imagery representations of childhood in school contexts are pointed out. The document of school material culture elaborates a narrative about the classes of the graduates of early childhood education, as well as the practices that make up the graduation ritual. Thus, such a discussion is proposed in the light of the concepts of Representation and Memory, proposed by Chartier (2002) and Le Goff (1996), respectively. Between the opening and closing of photo albums there is a narrative that tells stories mediated by photos, texts and images, evoking a look at school culture. Finally, it is noticed that there is an organizational pattern in the composition of the albums that assumes the function of preserving the memory.

Keywords: Photography Albums; Representation; Memory; Culture School Supplies; Kindergarten.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: saraheduca@gmail.com

² O Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (antiga Escola Normal) fica localizado na cidade de Natal – Rio Grande do Norte e tem uma importante participação na história da educação do estado. Sua trajetória histórica é marcada por diferentes percursos e espaços ocupados desde suas primeiras tentativas de abertura no final do século XIX até a materialização do Instituto de Educação, na segunda metade do século XX. A instituição citada é referência na área de formação de profissionais de educação que atuam em espaços escolares e não escolares do estado.

³ A pesquisa sobre a história do Jardim de Infância Modelo de Natal foi desenvolvida e publicada por meio da dissertação de Mestrado intitulada *O modelo de educação do Jardim de Infância Natalense (1908-1953)*, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (MENDES, 2015). Na dissertação, é possível acompanhar como ocorreu o processo de implantação do jardim de infância em Natal/RN, assim como compreender o modelo educacional proposto pela instituição.

1 Abrindo o álbum de fotografias...

Entre diferentes documentos, estavam elas, as fotos amareladas armazenadas em caixas e armários no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy². As imagens guardam as memórias coletivas e individuais dos professores, diretores, crianças e pais que fizeram parte da história do Jardim de infância Modelo de Natal-RN. Os registros misturam sentimentos e lembranças, constroem narrativas que “testemunham” o passado dessa unidade escolar pública do município de Natal, no Rio Grande do Norte, cujo atendimento era ofertado às crianças em idade pré-escolar.

O Jardim de Infância Modelo de Natal deixa sua marca na história da educação infantil natalense com a produção iconográfica de mais de duzentas fotografias e oito álbuns de formatura. Esse acervo fotográfico corresponde ao cultivo que compreende três décadas. O rico material preserva a memória da escola, configurando-se como um importante patrimônio da cultura material e visual do Jardim de Infância Modelo.

Ao perguntar para as pessoas: “o que é fotografia?”, cada uma trará uma resposta diferente, inclusive os fotógrafos. Seu caráter híbrido entre ciência, cultura e arte, possibilita-nos enveredar por novos caminhos, direcionando-nos para as relações entre visualidade e textualidade. A partir da percepção do álbum de fotografias como objeto de memória, refletimos sobre os álbuns

de fotografias dos concluintes do Jardim de Infância Modelo de Natal/RN entre os anos de 1950 e 1970.

Ressaltamos, em conformidade a Aróstegui (2006, p. 481), que “uma fonte histórica é fonte ‘para’ alguma história; mas a mesma fonte, indubitavelmente, pode conter informações para vários problemas ou pode ser interpretada de diversas formas”. Logo, o documento é a pedra fundante de um pensamento historiográfico; ele não fala por si só, mas se constitui pelas interrogativas provocadas pelo pesquisador na escrita histórica. Dessa maneira, as evidências históricas são transformadas em fontes mediante o olhar do pesquisador, contrariando a frase célebre de Kurt Tucholsky: “Uma imagem vale mais do que mil palavras” (cf. BURKE, 2017, p. 17), citada por Peter Burke na obra *Testemunha Ocular*.

Assim, compondo o referencial documental, debruçamo-nos às seguintes fontes coletadas no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGO/RN), Arquivo Público de Natal e no acervo iconográfico do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IESP): as Mensagens Governamentais, a Legislação (Leis e Decretos), edições de Jornais (*Diário Oficial* e *O Poti*), além do uso de acervos pessoais de ex-alunos.

O contexto de produção dos álbuns de fotografias analisadas configura-se no Jardim de Infância Modelo de Natal³, instituição pioneira na oferta do ensino infantil local. Sua trajetória histórica entrelaça-se ao processo de implemen-

tação da Escola Normal e a Escola de Aplicação, que funcionavam no Grupo Escolar Modelo Augusto Severo, distribuindo sua organização curricular em três cadeiras ou classes, sendo duas elementares e uma mista infantil. Em seu início de funcionamento, o ensino infantil da capital passou a ser ofertado a partir de 1910, acolhendo as crianças que moravam no bairro da Ribeira⁴. A escola era a representação do padrão cultural de uma instituição educacional moderna requisitada pelas elites dirigentes.

O Grupo Escolar Augusto Severo (imagem 1) foi referência para a edificação de uma rede de escolas que foram construídas *a posteriori* no Rio Grande do Norte. O prédio possuía uma riqueza de detalhes arquitetônicos, apresentando salas espaçosas, adequação do mobiliário, um museu, vestiário, etc. De acordo com Moreira (2005), a construção e a localização dos prédios educacionais deveriam ter um cuidado específico, pois havia a necessidade de um planejamento criterioso relacionado à edificação dos grupos escolares, passando pela avaliação do Conselho de Instrução Pública do Rio Grande do Norte.

Imagem 1 - Grupo Escolar Modelo Augusto Severo



Fonte: Jornal Tribuna do Norte, 1910

A motivação para a criação dos grupos escolares encontra-se nas mudanças sociais, políticas e culturais que marcam o fim do Império e o início da República. Esse contexto é bem diverso e requer propostas de formação educacionais diferenciadas de acordo com o público ao qual se destinava e às condições socioeconômicas. Sendo assim, imbuídos por um discurso modernizador e reformador da instrução pública escolar, a educação da criança passa a ser alicerce na formação da nova ordem social.

Com a Lei Orgânica nº 405, de 1916, houve uma organização da base educacional do ensino público primário. De acordo com Art. 3º, o ensino primário deveria ser ministrado em grupos escolares e escolas isoladas por meio de cursos graduados: infantil, elementar e complementar. Os cursos infantis seriam, então, oferecidos nos Grupos Escolares conjuntamente com o curso elementar e mantidos pelo governo do estado nos municípios que implantaram tais estabelecimentos. Nessa mesma lei, aparece

⁴ O bairro da Ribeira é o berço de origem de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, e está situado na zona leste da cidade. No local, moravam intelectuais, políticos e grandes nomes da sociedade natalense.

⁵ O Ministério da Educação e Saúde Pública foi criado em 1930 no governo de Getúlio Vargas. A instituição promovia atividades referentes a vários ministérios, tais como: saúde, esporte, educação e meio ambiente. Até a criação do ministério, os assuntos condizentes à educação eram de responsabilidade do Departamento Nacional do Ensino, ligado ao Ministério da Justiça.

⁶ O Instituto Nacional de Pedagogia foi criado, por lei, no dia 13 de janeiro de 1937, iniciando seus trabalhos apenas no ano seguinte, mediante a publicação do Decreto-Lei nº 580, no qual regulamenta a organização e a estrutura do órgão. Nesse mesmo decreto, modifica-se sua denominação, passando a chamar-se Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. O primeiro diretor-geral do órgão foi o professor Lourenço Filho.

a urgência na construção de um prédio específico para o atendimento pré-primário, intitulando este espaço de Jardim de Infância.

Durante a primeira metade do século XX, o ensino infantil passou a ser disponibilizado em diferentes grupos escolares e escolas isoladas pelo Rio Grande do Norte, ampliando a educação infantil do estado. Contudo, a negociação para a construção de um prédio adequado para a instalação do Jardim de Infância Modelo de Natal acontece mediante o Convênio Nacional do Ensino Primário, deliberado em março de 1943, o qual determinava verbas para a melhoria da educação. Com o acordo firmado junto ao Ministério da Educação e Saúde (M.E.S.)⁵ através do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep)⁶ e o Governo do Rio Grande do Norte, há um auxílio financeiro para a compra de equipamentos e aparelhagem pedagógica.

Como parte do programa de expansão e melhoria do ensino público, teria a proposta de expansão de Jardins de Infância por todo o Estado, difundido tal informação por meio do Relatório Oficial da Educação (1940), como veremos a seguir: "A criação de Jardins de Infância, instituições pré-escolares destinadas à preparação intelectual das crianças, é uma delas [...]" (RELATÓRIO OFICIAL EDUCAÇÃO, 1940, p. 19-23).

Segundo este relatório, o Jardim de Infância Modelo teve sua construção iniciada no ano de 1950 com base no projeto arquitetônico do Instituto Nacional de Pedago-

gia/INEP. Havia uma comissão de responsabilidade do INEP/MEC e estados que ficavam a cargo do Convênio Escolar e que estabeleciam diretrizes entre o projeto arquitetônico e a proposta pedagógica. Estes, direcionam as construções dos prédios, ou seja, uma arquitetura adequada às exigências pedagógicas (MENDES, 2020).

O Jardim de Infância Modelo de Natal foi inaugurado no dia 23 de Maio de 1953, o imponente edifício construído pelo governo do estado sob a responsabilidade de Severino Bezerra, do Departamento de Educação, no governo de Sylvio Pedroza, foi enaltecido pelos jornais da capital.

Como fio condutor deste trabalho, utilizamos a cultura material escolar como categoria e fonte na investigação em história. Segundo Ciavatta (2009, p. 41), esse termo refere-se a "edifícios e seus espaços escolares, mobiliário, utensílios, materiais pedagógicos, manuais didáticos, troféus, entre outros. Põe em cena a ação dos professores e posturas corporais correlatas ao ambiente escolar". De tal maneira, aferimos que cultura escolar é tudo o que compõe a materialidade da instituição de ensino, sendo ela um dos principais elementos de sua identidade. Tal conceito estaria relacionado à concepção de patrimônio histórico-cultural e suporte de memória institucional. Segundo Menezes (1998), a materialidade deve ser concebida em sua dimensão cultural, pois ela se perpetua ao longo do tempo devido à sua própria condição de artefato.

Na busca em compreender as representações e práticas de composição dos álbuns de fotografias do Jardim de Infância Modelo de Natal, alguns questionamentos surgem: (a) quando a vida escolar torna-se tema do olhar fotográfico? (b) qual o intuito em conservar essas imagens? (c) o que nos revelam os álbuns de fotografias dos concluintes? Nesse sentido, suas representações da realidade nos provocam, enquanto observadores,

[...] a sentir a necessidade irresistível de procurar nessa imagem a pequena centelha do acaso, do aqui e agora, com a qual a realidade chamuscou a imagem, de procurar o lugar imperceptível em que o futuro se aninha ainda hoje em minutos, há muito extintos, e com tanta eloquência que podemos descobri-lo, olhando para trás (BENJAMIN, 1985, p. 94).

Kossoy (2005, 2009, 2012), Mauad (2005, 2015), Ciavatta (2009), entre outros autores, auxiliam-nos a “procurar a pequena centelha”, exigindo em nós uma “alfabetização do olhar”, ou seja, para conseguir ler uma imagem é preciso que se analise as condições de produção da fotografia, tais como: o fotógrafo, a tecnologia empregada e o objeto registrado. Para além desses elementos externos, os autores também apontam para a necessidade da interpretação do conteúdo da imagem fotografada. Essa crítica ao conteúdo é proveniente dos contextos subjetivos, aos discursos representativos das relações sociais.

Dessa maneira, a leitura da imagem fotográfica não deve ser realizada apenas como um simples exercício de coleta de informações, mas uma ação permanente do pesquisador em identificar, analisar e interpretar o documento. De acordo com Kossoy (2009, p. 21),

As imagens fotográficas, entretanto, não se esgotam em si mesmas, pelo contrário, elas são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado. Elas nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram (estética/ideologicamente) congelados num dado momento de sua existência/ocorrência.

Para este fim, concordamos com Dubois ao assegurar que a fotografia não é mera imagem, ou seja, um produto de uma técnica e de uma ação humana, como o resultado de “uma representação de papel que se olha simplesmente em sua clausura de objeto finito” (1993, p. 15). A fotografia é, antes, um ato icônico que não pode ser idealizado fora de suas circunstâncias, de seu contexto de produção.

Logo, ao afirmarmos que o artefato cultural fotográfico se enquadra como um objeto de memória coletiva e individual dos sujeitos que vivenciaram as experiências educativas propostas no Jardim de Infância Modelo de Natal nas décadas de 1950-1970, é possível analisá-lo na intersecção história, educação e memória partindo da perspecti-

va de documento/monumento, segundo nos apresenta Le Goff (1996). Para o autor, “só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-la e ao historiador cientificamente, isto é, com pleno conhecimento” (LE GOFF, 1996, p. 460).

As fotografias escolares são grandes exemplos de memória pública. Por meio delas, é possível compreender as práticas de socialização da infância proporcionada pela instituição escolar. Seus usos, produções e meios de circulação eram bastantes comuns nas primeiras décadas do Século XX.

O uso de fotografias na área educacional passou a representar novas e distintas temáticas iconográficas. Para cada foto há uma função e intencionalidade; elas não devem ser deslocadas “de seus contextos de produção, circulação, consumo, descarte e institucionalização. O contexto da imagem fotográfica não é o seu conteúdo, mas o modo de apropriação da imagem como artefato” (CARVALHO E LIMA, 2009, p. 35).

Desse modo, Fischmann & Cruder (2003, p. 40) afirmam que “no campo da educação, as imagens se tornaram poderosos componentes da percepção, avaliação e popularização de ideias sobre educação”. Nelas, observam-se diversas temáticas, ressaltando seu caráter multifacetado e de produção de realidades diferentes. Em acervos públicos ou privados, vemos imagens de fachadas arquitetônicas de escolas, festas, desfiles cívicos, cenas de salas de aulas, atividades esco-

lares, fotos de classe, exposições pedagógicas, solenidades, entre outras. Nesse caso, a escola faz uso da fotografia como meio de registro de suas atividades, ao mesmo tempo em que possibilita a divulgação das práticas educativas.

2. A cada página folheada, uma história é contada: o Jardim de Infância Modelo de Natal

O Diário Oficial de Natal, datado em 17 de Maio de 1953, tornava público a inauguração do Jardim de Infância Modelo de Natal, exaltando o imponente edifício construído pelo Governo do Estado, sob a responsabilidade do Departamento de Educação.

No dia 22 de Maio de 1953, a manchete da inauguração do Jardim de Infância Modelo de Natal marcou o centro das importantes notícias do dia, trazendo de antemão imagens da instituição escolar. No mesmo jornal, é informado que o prédio possuía “amplos salões de aulas, varandas, decoração original e magnífico pátio de recreio cuidadosamente aparelhado para o fim a que se destina” (DIÁRIO OFICIAL DE NATAL, 1953).

Em 24 de Maio de 1953, uma nova notícia reforça o momento solene de abertura iniciado pela palavra do Diretor do Departamento de Educação, o senhor Severino Bezerra, importante figura pública que exerceu por quase 20 anos funções na direção pública, além de

sua participação efetiva na implantação do Ensino Pré-Primário e na construção do Jardim de Infância Modelo. Após, o governador Sylvio Pedroza, que fazia parte de uma das famílias mais ricas do estado, os Gomes Pedroza, presidiu a oficialização de inauguração, recebendo autoridades civis, militares e eclesásticas (DIÁRIO OFICIAL DE NATAL, 1953).

A benção do prédio ficou sob a responsabilidade do Monsenhor João da Matha Paiva, presbítero da Catedral de Nossa Senhora da Apresentação na cidade de Natal. No dia, houve uma homenagem dos Jardins de Infância de Natal ao Jardim de Infância Modelo. No grande dia, os jornais noticiaram que havia a presença de políticos, familiares, imprensa, alunos, professores e grandiosos convidados especiais, todos ansiosos com esse novo espaço educacional. A solenidade foi abrilhantada pela banda de música da Polícia Militar (DIÁRIO OFICIAL DE NATAL, 1953).

O Jardim de Infância Modelo (imagem 2), localizava-se defronte à Praça Pedro Velho⁷, nº. 400, esquina da Rua Trairi com a Avenida Prudente de Moraes, bairro Petrópolis, em Natal– Rio Grande do Norte. A instituição situava-se numa área nobre da capital, com boas condições de salubridade e acesso para uma das mais importantes vias de circulação, a Avenida Deodoro da Fonseca.

Imagem 2 – Fachada do Jardim de Infância Modelo de Natal



Fonte: Acervo Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy

O Jardim de Infância assume uma nova organização estrutural, existindo, de fato, a materialização de uma instituição escolar destinada à educação da infância. A escola, nesse contexto, deixa de ser um complexo de salas de aula e passa a ser pensada como instituição modelo, espaço formativo de aspectos físico, intelectual e moral (cf. MENDES, 2015).

Sua construção “dispendeu o Estado à importância de um milhão e cem mil cruzeiros (Cr\$ 1.100.000,00)” (MENSAGEM GOVERNAMENTAL, 1953). O prédio obedecia às exigências técnicas e pedagógicas determinadas pela planta de arquitetura do INEP/MEC, porquanto se defendia que a criança iria ao Jardim para adquirir experiências e conhecimentos, viver e conviver com o outro, considerando o processo maturacional do indivíduo (MENSAGEM GOVERNAMENTAL, 1953).

Considerando a natureza educacional e as condições específicas do universo infantil, o Jardim de Infância foi pensado na perspectiva de propor um ambiente agradável, sadio, espaçoso, onde as crian-

⁷ Em 24 de Outubro de 1937, é inaugurada na Cidade Nova, a Praça Pedro Velho. Ela foi uma das muitas praças construídas no segundo governo do prefeito e engenheiro Gentil Ferreira de Souza. Foi nessa gestão, no final dos anos 30, que houve a “desconstrução da Natal colonial”, na qual a população assistiu a passagem da cidade oitocentista para outra, moderna e capitalista. Foram então criadas duas vias de acesso de veículos. As duas partes da praça dividida tiveram as seguintes destinações. Havia um artístico coreto, quadras de basquete e voleibol, parque infantil, tanques que funcionavam como aquários para aves. O local era ponto de encontro das famílias e da juventude natalense. pesanteur. C'est l'empire de la sensibilité, un pays des merveilles, un monde d'avant les mots qui n'a de limites que celles de l'imagination. Dans cette aventure monochrome, c'est notre esprit qui voit avec nos yeux. Il ne faut pas regarder, il faut ressentir, respirer et goûter. S'évader dans un voyage immobile. Se défaire de ce que l'on connaît pour mieux accueillir ce dont nous rêvons. Imaginer que la beauté est là, invisible, prête à être découverte. Et pour cela, nul n'a besoin d'être artiste, savant ou simple fou. Non, pour cela il suffit seulement d'y croire” (MÉNARD, 2018). Disponível em: <http://www.yvesklein.com/en/articles/view/18/l-ikb-international-klein-blue>. Acesso em: 07 mai. 2020.

ças tinham condições de brincar e aprender, não só dentro de sala de aula, mas por meio de uma prática educativa lúdica e formativa de valores morais e sociais (MENDES, 2015). A consciência do valor e da importância da educação pré-escolar e, conseqüentemente, a preocupação em oferecer uma educação que valorizasse as artes, os valores cívicos e condutas morais, foram elementos plausíveis para uma instituição modelo de infância (MENDES, 2015).

No final do mandato do governador Sylvio Pedroza, em 28 de janeiro de 1956, foi inaugurado o Instituto de Educação em Natal. A implantação do Instituto de Educação passa a ser orientada mediante a Lei 2. 171, de 6 de dezembro de 1957, preconizando a reformulação do Ensino Primário e Normal do Estado. Nela, exigia-se a transformação do Grupo Escolar em Instituto de Educação, determinado pelo Art.19, que obrigava ter em Natal tal estabelecimento com caráter experimental em seus cursos de pesquisas (RIO GRANDE DO NORTE, 1957).

O projeto de edificação do Instituto de Educação apresentava um projeto moderno para a construção do novo prédio. Era contida na estrutura física do Instituto, 39 salas de aulas, com capacidade para receber 3.500 alunos, “[...] lugares destinados à Administração e dependências para o Jardim de Infância, com 4 salas para 25 crianças cada uma e mais as salas especiais.” (RIO GRANDE DO NORTE, 1963, p. 84–85 *apud* AQUINO, 2007, p. 112).

A regularização oficial do Instituto de Educação veio com o desligamento do Atheneu pela Lei de nº 2.639, de janeiro de 1960. Com ela, foi oficialmente instituído o Instituto de Educação que compreendia: a Escola Normal de 1º e 2º ciclos, o Jardim de infância, a Escola de Aplicação e cursos de extensão e aperfeiçoamento. Cada um era dividido pelo seu aparato administrativo sob a direção geral do instituto.

Nesse mesmo ano é aprovado o Decreto nº 3.590 de 1 de dezembro, regulamentando o Ensino Primário e Normal do Estado do Rio Grande do Norte. Com isso, a Educação Elementar fica compreendido como o jardim de infância e o curso primário. Caberia aos jardins de infância atender às crianças em idade pré-escolar e, preferencialmente, cujas mães trabalhassem. Eram ofertadas três turmas no Jardim Modelo, nos turnos matutino e vespertino.

Contudo, a falta de espaço que atendesse à demanda de alunos e das dependências exigidas para o funcionamento do Instituto de Educação, levou à exigência da construção de um novo prédio. Sendo assim, posteriormente, o Instituto de Educação transfere-se para a rua Jaguarari, Bairro de Lagoa Nova, onde atualmente recebe o nome de Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy.

O complexo educativo foi inaugurado em 22 de novembro de 1965, com a ilustre visita do Senador Robert Kennedy, irmão do Presidente Kennedy, passando a chamar Instituto de Educação Presidente

Kennedy, homenageando o Presidente dos Estados Unidos. A realização da construção do novo Instituto de Educação Presidente Kennedy deu-se por meio de acordos entre o Governo do Estado, MEC, USAID e SUDENE, durante o governo de Aluísio Alves.

Atualmente, o Instituto de Educação Presidente Kennedy continua funcionando no mesmo local, oferecendo formação inicial e continuada para os profissionais de educação.

3. Desmontando o álbum de fotografias: a sedução através do olhar

Em tempos e culturas diferentes, o homem buscou na imagem um meio de representar o mundo. Em cada época, elas se distinguem, apresentando diferentes usos e funções em suas produções imagéticas, alcançando os mais variados cenários sociais e institucionais, tais como: as escolas, centros urbanos, paisagens, entre outros; visto que, “desde o seu início, a fotografia implicava a captura do maior número possível de temas” (SONTAG, 2004, p. 18). A sociedade moderna atribuiu diversos usos, funções e significados às fotografias, a natureza da imagem assume diferentes papéis historicamente. De tal modo, Sontag elucida que:

Uma sociedade se torna “moderna” quando uma de suas atividades principais consiste em produzir ima-

gens, quando imagens têm poderes excepcionais para determinar nossas necessidades em relação à realidade e são, elas mesmas, cobichados substitutos da experiência em primeira mão e se tornam indispensáveis para a saúde da economia, para a estabilidade do corpo social e para a busca da felicidade privada (2004, p. 170).

Sendo assim, a fotografia revela-se como objeto de pesquisa ao identificarmos os usos e funções atribuídos por meio dos gêneros fotográficos constituídos pelo universo escolar. A partir disso, pretendemos formular a memória da instituição educativa através dos conceitos de representação, trazido por Chartier (2002), com o intuito de compreender os discursos que perpassam a imagem social da escola; bem como o de memória, em que Le Goff (1996) nos esclarece que a história é construída por meio de documentos e monumentos, os quais são frutos de uma memória coletiva.

Assim como toda representação, a fotografia é produzida por meio de sucessivos discursos ideológicos, culturais e simbólicos, uma vez que, assegura Dubois (1993, p. 25), em “toda reflexão sobre um meio qualquer de expressão deve se colocar a questão fundamental da relação específica existente entre o referente externo e a mensagem produzida por esse meio”, permitindo-nos analisar e interpretar a cena escolhida para ser fotografada.

Esse tipo de captura de imagem ingressa no mercado em meados do século XIX, apresentando variadas técnicas de produção. Rapidamente, o produto atinge as diferentes demandas sociais, apostando em uma técnica capaz de produzir em série e com um custo mais baixo do que as telas de pintura. A fotografia passa a ser um instrumento de representação identitária, transformando-se em um grande negócio. Ela revolucionou a memória social ao possibilitar a multiplicação e democratização da memória, promove “uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (LE GOFF, 1984, p. 466).

Esse artefato cultural “democratiza a informação, mudando a percepção do mundo e ampliando as referências de populações que antes dela tinham suas vidas circunscritas ao seu local de moradia e trabalho” (CARVALHO; LIMA, 2009, p. 30). Assim, ela capta lugares, pessoas, monumentos, paisagens, leva o acesso às grandes obras de arte e ainda passa a ser usada como instrumento de documentação científica. Em suma, os usos sociais da fotografia assumem inúmeras possibilidades, isto é, uma “caixa de pandora”. A fotografia passou a ser uma forma eficaz de preservar o passado, uma vez que as sociedades, ao projetar o futuro (voluntária ou involuntariamente) através de imagens de si próprias, conservam e, ao mesmo tempo, produzem uma memória coletiva e individual.

De acordo com Carvalho e Lima (2009, p. 31), o retrato fotográfico tinha um baixo custo e circulava na sociedade diferentes práticas de registro que contemplassem fotos de “casamento, informando e garantindo a reprodução dos rituais de passagem (morte, batismo, crisma)” (CARVALHO; LIMA, 2009, p. 31). A partir das primeiras décadas do século XX, houve a predominância de dois tipos de fotografias públicas:

a) aquelas caracterizadas por seguir uma tendência clássica, ou seja, produzida em sua dimensão artística e permeada por expressões pictóricas. O que antes só era possível ser realizado por meio da pintura, com a fotografia há um processo de popularização dos usos e funções dessa imagem visual;

b) aquelas que serviam para documentar práticas sociais ou informar notícias em jornais, revistas, cartazes, entre outros. Esse segundo grupo de produção de imagem visual geralmente estava associado às agências governamentais, à imprensa jornalística ou agências fotográficas autônomas, cujos principais objetivos estavam na expressão ou até mesmo na denúncia de uma realidade. Isso inclui, ainda, a prática bastante comum no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX de fotografar espaços e construções públicas, marcada pela presença do Estado e da imprensa na regulamentação dos circuitos sociais de produção e consumo das imagens visuais. Logo, “a fotografia pública, produzida por agências de produção da imagem,

desempenha papel na elaboração da opinião pública [...]. Suporte de memória pública que registra, retém e projeta no tempo histórico uma versão dos acontecimentos” (MAUAD, 2015, p. 87).

Estamos considerando que uma das funções das fotografias escolares vincula-se à divulgação de valores, normas, saberes, condutas, isto é, representação simbólica dos sentidos sociais e culturais difundidos pela escola e para a escola, na sociedade brasileira. Para além disso, entrelaçam-se por meio das fotografias as histórias de vida das crianças, bem como da instituição, de tal modo, podemos citar como exemplo as fotos dos eventos e solenidades, que retratam momentos importantes de sua cultura e trajetória escolar, preservando a memória coletiva, individual e institucional. De tal maneira, as fotografias teriam essa capacidade de capturar e guardar aquilo que “só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (BARTHES, 1984, p. 14).

Veiga (2007, p. 27) cita Pierre Bourdieu ao assinalar a presença de um novo comportamento social expresso nos álbuns de fotografias e diários: “Fotografar as suas crianças é fazer-se historiográfico de sua infância e preparar-lhes, como um legado, a imagem do que foram”. Nesse sentido, este documento da cultura escolar registra a memória do curso da vida, representando uma consciência das diferenças geracionais. A escola, conforme Escolano Benito (2010, p. 12), confi-

gura-se em um “lugar de produção de cultura e essa cultura se objetiva nas práticas em que são operados os processos formativos. As ações se materializam nos espaços, objetos, ícones e textos que formam parte do patrimônio histórico-educacional”.

Desse modo, a cultura escolar trata dos saberes, práticas e materialidades da escola, em diferentes espaços de tempo. Porém, o nosso foco de análise das práticas escolares centraliza-se na materialidade escolar. Conforme Souza (2007, p. 176), a cultura material escolar “significa compreender, num espectro ampliado, os mais diversos componentes materiais ligados ao mundo da educação”. Assim, o acervo iconográfico do Jardim de Infância Modelo de Natal, parte documental do Instituto Superior Presidente Kennedy, compõe-se em dois tipos de artefatos culturais: os álbuns de fotografias e as fotografias avulsas. De acordo com Abdala (2013, p. 2)

[...] o álbum é um tipo de documento que se caracteriza primordialmente pela sua completude, pela sua lógica organizacional e pela unicidade da temática apresentada. Compõe uma narrativa sobre determinado assunto, articulando imagens e textos, sob a forma de legendas, identificam, apresentam e interpretam elementos e cenas das imagens.

O autor materializa a narrativa do álbum, é ele quem estabelece condições para a existência do mesmo que consiste na representa-

ção dos seguintes elementos: tema (conteúdo); sujeitos (seus atores); o objeto visual (a foto); e a técnica utilizada para arquivar (o álbum). De acordo com Silva (2008), quando se desempenham essas categorias já se está narrando. Eles, além de guardarem a memória individual e coletiva da instituição educativa, têm uma função narrativa, pois ao classificar e ordenar as imagens, contam-nos uma história construída numa série documental (ABDALA, 2013).

Conforme Kossoy (2012), a interpretação da primeira realidade do objeto fotográfico representa os sentimentos, os padrões de comportamento, as normas e condutas sociais, os saberes educacionais, as intenções de cada um dos grupos retratados. Sendo assim, veremos nos tópicos seguintes que os acontecimentos retratados na imagem fotográfica se revestem de significados pedagógicos, afetivos e emocionais. Fischmann e Cruder (2003, p. 47) corroboram ao afirmar que:

Produzir um registro fotográfico requer o uso de um mecanismo técnico específico, a câmera fotográfica. Este mecanismo pode ser simples ou complexo, manual, automático ou digital, mas em todas estas variações há uma característica unificadora. Todas as câmeras produzem imagens, que não são apenas registros de uma determinada coisa, mas também signos que pertencem ao campo da produção de significados. O processo de produção de significados envolve simultaneamente dimensões subjetivas e objetivas.

A leitura de uma imagem fotográfica passa por um processo de desmontagem na construção da realidade produzida pelo seu receptor que é “resultante do processo de criação/construção do fotógrafo” (KOSSOY, 2005, p. 31). O maior desafio da interpretação reside em seu caráter subjetivo, uma vez que o processo de “desmontagem”, isto é, o “decifrar de uma fotografia implicaria, entre outras coisas, o deciframento das condições culturais” (FLUSSER, 1985, p. 35). O nosso intuito é esse, “desmontar” o álbum de fotografias do Jardim de Infância Modelo de Natal.

O álbum de fotografias é um documento caracterizado por uma dimensão organizacional quase sempre apresentadas em séries. Ao distribuir as fotografias, há a produção de uma narrativa sobre um determinado assunto. Percebe-se, também, uma articulação entre imagem e texto suscitando um discurso visual capaz de evidenciar memórias individuais e coletivas, assim como representações e a identidade educacional de uma escola para a pequena infância. Sendo assim, ao mesmo tempo em que assume uma função arquivista ao “guardar” as fotografias, ele também constitui uma vocação narrativa.

Conforme Abdala (2013), a composição de um álbum fotográfico é motivada pela intenção de preservar a memória. No caso específico desse objeto de estudo, está “guardada” no arquivo do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy. Lá, encontra-

se um acervo composto por diferentes fontes, tais como: fotografias, álbuns, cadernos, livros de registros e outros documentos que estão armazenados nos armários de uma sala reservada e sem uma organização/catalogação de ordem arquivística. Atualmente, contam-se oito álbuns de formatura dos alunos concluintes do ensino infantil: um da década de 1950 e, os demais, de 1960 e 1970.

Tal objeto da cultura material escolar do Jardim de Infância Modelo de Natal segue uma única temática. Sua narrativa é clara: retratar os concluintes, ou seja, aqueles alunos que estavam concluindo o ciclo da educação pré-escolar e estariam aptos a ingressar no ensino primário. Nota-se que há um certo padrão na organicidade dos álbuns fotográficos escolares e que todos seguem uma ordem.

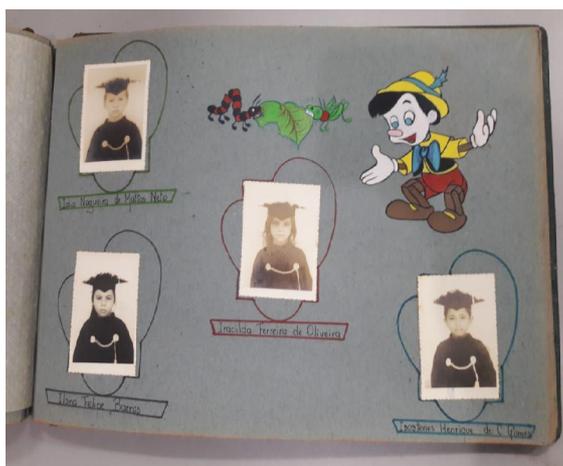
Percebemos, também, que os artefatos culturais tanto foram encomendados e produzidos com técnicas e materiais profissionais, identificados pelas inscrições na capa e verso, impressão das legendas e molduras das fotos; quanto de modo artesanal, observados por escritas à mão, desenhos e figuras. As capas (imagem 3) de cada ano modificam-se.

Imagem 3 – Capa do álbum de fotografias de 1964



Fonte: Acervo Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy

Os álbuns de fotografias dos formandos eram caprichosamente decorados com pinturas infantis feitas à mão (imagem 4). Observa-se que a cultura gerada pelo adulto é direcionada para as crianças, dentre elas: a cultura escolar, com seus códigos e dispositivos de produção de valores e saberes; e a cultura comercial, com dispositivos simbólicos e material (SARMENTO, 2004). A imagem dos personagens da Walt Disney, por exemplo, tornam-se referencial no mercado infantil pelo valor simbólico em seus filmes, universalizando seu potencial lúdico no imaginário infantil (GIROUX, 2001). Assim, os desenhos animados representavam a imaginação e a fantasia, reproduzindo, muitas vezes, uma concepção de infância pueril e inocente.

Imagem 4 – Álbum de fotografias de 1957

Fonte: Acervo Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy

Nessa perspectiva, o que consta nos álbuns dos concluintes é um recorte da narrativa da cultura escolar, a representação da identidade institucional, como nos convida a pensar García Canclini (1995, p. 139), “a identidade é uma construção que se narra”. De tal maneira, a narrativa dos álbuns do Jardim de Infância Modelo de Natal constrói-se na organização e apresentação do juramento da turma, homenagem de honra (apresentação do patrono e paraninfo), homenagem especial (diretor e professores), orador da turma e retrato dos concluintes. Nas imagens a seguir, é possível observar o mesmo juramento sendo reproduzido pelas turmas de 1963 e 1964.

Imagem 5 – Juramento da turma

Fonte: Acervo do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy

Imagem 6 – Juramento da turma

Fonte: Acervo do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy

O valioso juramento: “Creio em Deus. Venero minha pátria. Adoro minha família. O amor ao próximo vai ser meu lema na vida”; o qual as crianças deveriam memorizar e aprender seu precioso significado para proferir no dia da formatura, aparece sucessivamente nos álbuns dos concluintes. Isso nos leva a pensar que o juramento não era construído com os estudantes para representar os seus sentimentos, mas que, na verdade, ele sintetiza a fi-

losofia da escola, projetando socialmente ideais que foram inculcados nos discentes em sua formação. Valores e crenças em Deus, sentimentos de veneração à pátria brasileira, o respeito e amor à família e ao próximo eram elementos fundamentais para a formação daqueles novos indivíduos (MENDES, 2020). Segundo Gouvêa (2007, p. 20-21)

Os discursos e práticas de socialização ao se dirigirem à criança, constroem um imaginário sobre a infância, produzindo modelos de gestos, hábitos, comportamentos que são material de socialização nos processos de formação de tais autores. A criança é também produto de tais práticas e discursos.

Nesse sentido, a criança torna-se depositária de discursos, introjetando valores, normas, condutas e comportamentos civis historicamente produzidos por um ideal de sociedade, repercutindo na construção do indivíduo. Assim, ela reproduziria a filosofia defendida pela instituição, característica do contexto social brasileiro (MENDES, 2020).

Na tentativa de construir uma identidade institucional, essas escolas criaram as suas próprias tradições, por exemplo, o culto ao patrono e a comemoração do aniversário de criação/instalação do estabelecimento de ensino, a memória dos primeiros diretores, professores e ex-alunos que ganharam visibilidade pública (SOUZA, 2001, p. 91).

No tocante à tipologia da fotografia, os álbuns são compostos

por retratos. Os retratos não são representações fiéis, mas uma forma simbólica, um gênero composto mediante um sistema de convenções sociais, isto é: a escolha do cenário, a postura, expressão facial e corporal, acessórios e objetos (BURKE, 2017). Segundo Krubusly (2006, p. 32) “o rosto, e não as impressões digitais, é o nosso documento de identidade”. De tal modo, esse gênero fotográfico centraliza no rosto dos sujeitos seu objeto temático.

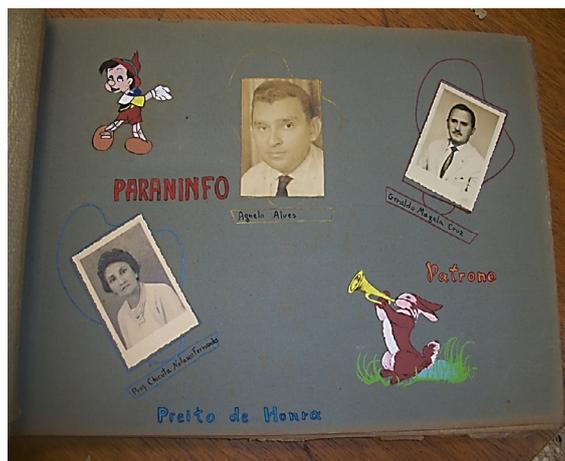
Outro aspecto relevante refere-se à postura do retratado e o enquadramento frontal do retratado catalisa o olhar do leitor, remetendo-se o ponto de vista do fotógrafo ao fotografado. Assim com esse tipo de fotografia, destacam-se a individualidade, a expressão de qualidades e virtudes incontestáveis, dignas de eternização (SOUZA, 2001, p. 91).

Observa-se que os álbuns de fotografias do Jardim de Infância Modelo de Natal dividem os retratos individuais em dois grupos: os homenageados (patronos, paraninfos, diretores, professores) e os alunos formandos. Essas fotografias, são acompanhadas de legendas identificando o nome de cada sujeito.

Dando continuidade à evocação narrativa disposta no objeto analisado, observa-se uma ordem padronizada. Frequentemente, a primeira página aborda a missão institucional e, em seguida, apresenta o paraninfo e patrono da turma, como podemos constatar na imagem abaixo:

8 Traje acadêmico geralmente usado por alunos formandos.

Imagem 7 – Homenagem de honra da Turma de 1962



Fonte: Acervo do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy

A turma de 1962 convida e homenageia a professora Chicuta Nolasco Fernandes, diretora do Instituto de Educação de Natal. As crianças escolhem como paraninfo da turma Agnelo Alves, irmão do Governador Aluizio Alves. No mesmo ano, elegem, também, o patrono, Geraldo Magela Cruz, figura importante para a educação do estado e integrante da Associação dos Professores. O patrono era alguém que serviria de inspiração à turma e que deveria zelar pela escola.

A terceira sessão do álbum é destinada a homenagear diretores e professores. As professoras do Jardim de Infância, unidade do Instituto de Educação de Natal, recebiam bolsas de estudos para aperfeiçoar-se e especializar-se cada vez mais. O objetivo era promover qualidade ao ensino infantil. Para tal fim, acordos foram firmados entre o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e o governo do estado do Rio Grande do Norte, “não

faltou a ajuda financeira necessária à execução dos serviços de experiência pedagógica” (RIO GRANDE DO NORTE, MENSAGEM, 1960, p. 90).

Os diretores e professores possuíam seu lugar de destaque nos álbuns. Assim, os homenageados especiais da turma de 1963 foram: Teresinha Pessoa da Rocha, a ilustre diretora que esteve à frente da instituição por quase 10 anos (1960-1970); e as professoras Alda Maria Sampaio Marinho e Lindaura Andrade, na imagem seguinte:

Imagem 8 – Homenagem especial da Turma de 1963

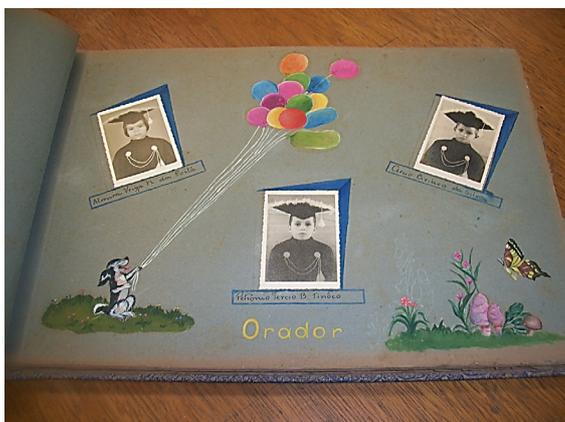


Fonte: Acervo do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy

É possível perceber uma organização visual na distribuição das fotografias, assim como uma distinção provocada a partir das cores (vermelho e amarelo). A diretora, destaca-se em posição hierárquica acima das professoras homenageadas. Nota-se, também, uma diferença nas fotografias das professoras causadas pelo vestuário. A foto da professora Alda Maria Sampaio Marinho, vestida com uma beca⁸, comunica-nos um signo educacional da profissionalização docente.

Após a apresentação da direção e professoras, o álbum dos formandos traz a fotografia do orador da turma (imagem 9) e logo em seguida dos concluintes do ano. A cada fotografia contida, abaixo, consta o nome da criança. Em alguns álbuns, percebemos que imagens se perderam ao longo dos tempos.

Imagem 9 – Orador da Turma de 1964



Fonte: Acervo do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy

O orador da turma de 1964 divide a página acompanhado das crianças: Almira Veiga N. da Costa e Aécio Ciríaco da Silva. Petrônio Tercio Bezerra Tinôco é o representante de umas das famílias mais tradicionais da política natalense. A estima do orador na cerimônia de formatura seria representar a turma e os valores morais, civis e religiosos adquiridos na/pela instituição. Ao analisar os álbuns de fotografias, percebe-se que há predominância de meninos como os escolhidos para oradores da turma.

Por fim, após apresentar o retrato individual dos homenageados, inicia-se a apresentação de cada criança da turma. A sequência das

fotos segue a ordem alfabética, sendo identificada por foto e nome (imagem 10).

Imagem 10 – Concluinte da Turma de 1963⁹



Fonte: Acervo Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy

As crianças que estudavam no Jardim de Infância Modelo de Natal faziam parte de uma classe social privilegiada. Tal informação é constatada diante da localização da referida instituição, que se situava num bairro nobre onde morava políticos, funcionários públicos e militares das Forças Armadas Brasileiras, assim como crianças de descendência estrangeira, como pode ser constatado através do sobrenome das crianças, influência da Segunda Guerra na capital do Rio Grande do Norte (MENDES, 2020). Reformamos a defesa com as informações das colunas dos jornais que noticiavam os aniversários das crianças que estudavam na referida instituição e, também, divulgavam os nomes e profissões dos pais, reforçando nossa ideia de educação elitista (MENDES, 2020).

⁹ Márcia Maria Gurgel, ex-aluna do Jardim de Infância Modelo de Natal, atualmente é Secretária Estadual Adjunta de Educação.

Outro aspecto importante sobre as crianças do Jardim de Infância Modelo de Natal refere-se ao equilíbrio existente na matrícula para ambos os sexos. A oferta do ensino infantil misto público é uma das características de sua identidade educacional, visto que sua oferta ia de encontro ao que ocorria nas escolas primárias e secundárias pelo Brasil, predominante durante todo o período Imperial e boa parte do Republicano, em que a oferta do ensino era separada por sexo (MENDES, 2020). Assim, com o intuito de sabermos o quantitativo de crianças matriculadas por sexo, fizemos o levantamento dos nomes das crianças contidos nos álbuns de fotografias dos alunos formandos.

Embora não tenhamos quantificado as matrículas das crianças por etnia, as mais variadas fotografias documentadas pela escola denotam um número minoritário de crianças negras. Segundo Kramer (1995, p. 24), a pré-escola seria como mola propulsora da mudança social, uma vez que permitiria a democratização das oportunidades educacionais. Assim, enfatizamos que mesmo que o grupo majoritário fosse de crianças brancas advindas das classes médias ou altas, o Jardim de Infância constituía um espaço de educação e socialização sem distinção racial, de classe ou gênero. A presença de crianças de diferentes esferas sociais atribuía valor à identidade da instituição, materializada em/por suas fotografias.

O mural de formatura (imagem 11) é uma síntese da narrativa expressa nos álbuns. Logo acima, ob-

serva-se o nome da instituição e a identificação do ano. No topo central, o grupo de retratos individuais das professoras homenageadas e à direita, o tributo à diretora, parainfo e patrono da turma. No canto isolado direito, percebe-se um homenageado especial e em destaque abaixo, o orador da turma. Logo depois, é apresentado o retrato individual de cada criança com identificação por nome, seguindo a ordem alfabética.

Imagem 11 – Turma Dr. Carlos Borges de Medeiros (1958)



Fonte: Acervo do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy

O enquadramento das fotos individuais aponta uma expressão firme e séria no olhar das crianças, marcando o ângulo frontal e central da foto. Os “formandos” representam o encerramento de um processo educacional, os quais estariam aptos a ingressarem no ensino primário. Na parte inferior da imagem está escrito “Turma Dr. Carlos Borges de Medeiros”, prestando louvor ao Diretor-geral do Departamento de Educação do RN, atuante no Governo Dinarte Mariz.

Assim como os álbuns de fotografias, no mural é observado uma

distribuição hierárquica, seguindo em certa medida uma estrutura escalonada. Temos a clareza que embora nossa leitura seja visual, ao imprimimos um olhar analítico ela pode criar outra ordem e modificar significados, visto que toda leitura é capaz de modificar seu objeto (CERTEAU, 1994)

De tal maneira, há de se considerar a fotografia como uma determinada escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis, guardando nessa atitude uma relação estreita com a visão de mundo daquele que aperta o botão e faz clique. A escolha da imagem da aluna da turma de formandos de 1953 não foi aleatória e traz consigo intencionalidades. De fato, todas as fotografias aqui apresentadas representam o olhar do pesquisador sobre o tema, uma escolha diante de um “conjunto de escolhas possíveis” (MAUAD, 2015).

É importante enfatizar a partir de Kuhloy (2001, p. 27) que os fotógrafos são filtros culturais e diferentes fatores influenciam em sua atuação, como a escolha do tema, aspectos de tratamento estético, tecnológico e culturais. O registro visual documenta a própria atitude (valores, normas, regras, ideologias) do fotógrafo diante da realidade. Ele seleciona que feição do mundo real vai ser retratado, e isso, um historiador também faz por meio de escolhas. Dessa maneira, entende-se que em cada fotografia contida nos álbuns há uma intencionalidade na sua produção, existe uma mensagem a ser transmitida e uma textualidade que auxilia na provocação dos sentimentos.

4. Fechando o álbum de fotografias...

Nóvoa (1999) sugere que a cultura escolar traduz um projeto educativo construído por meio da interação entre os sujeitos educacionais. Sendo assim, as imagens fotográficas representam um “padrão identitário da escola enquanto instituição educativa cujo imaginário social é reforçado por comportamentos, símbolos, práticas e ritos, tais como, o uniforme, a aula, a bandeira, a arquitetura escolar, a sala de aula” (SOUZA, 2001, p. 81).

Por meio da apreciação das representações fotográficas, é possível inquirir nos vestígios que havia um padrão de representação social que se projetava na escola. As representações fotográficas nos conduzem à reflexão do processo de escolarização da infância, assim como do universo que constitui sua cultura escolar.

Percebemos que a materialidade do documento visual demonstra princípios de organicidade que, por sua vez, permite-nos adentrar ao universo da cultura escolar. A iniciativa de compor álbuns fotográficos aponta-nos a valiosa preocupação dos envolvidos com a preservação da memória institucional, assim como nos conduz a pensar sobre a intencionalidade em compor apenas álbuns de concluintes.

De tal modo, as fotografias produzidas pelo Jardim de Infância Modelo de Natal apresentam uma série cronológica de imagens que representam um tema singular: a infância escolar. Ao atribuir signifi-

cado às imagens visuais e dar “voz” a tantos rostos silenciados com o tempo, os álbuns de fotografias dos formandos documenta práticas e rituais, ao mesmo tempo que projeta no imaginário social uma identidade cultural para a infância.

A fotografia, por ser uma produção social e cultural, emite, por meio do olhar atento do fotógrafo e suas “lentes”, uma intencionalidade evocada na imagem. As fotos testemunham o passado sob a ótica de indivíduos ou grupos, representando seus modos de ver e pensar o mundo social da criança e suas infâncias.

Sendo assim, seja qual for o papel social desempenhado por uma imagem (como evidência em tribunais, identificação pessoal num passaporte, símbolo de poder, sexo ou felicidade na publicidade), a criação de imagens fotográficas usando a lente de uma câmera envolve um certo grau de escolha subjetiva por meio da seleção, do enquadramento e da personalização. Mas a escolha subjetiva é entendida em termos do papel social da imagem, porque um signo fotográfico não pode ser definido fora de suas referências ou de sua eficiência pragmática. Nesse sentido, a fotografia é uma ação social e não apenas a expressão de um mero feito técnico (FISCHMANN; CRUDER, 2003, p. 48).

Pode-se concluir que os álbuns fotográficos dos concluintes do Jardim de Infância Modelo de Natal abordam duas práticas pedagógicas desenvolvidas na escola: a confecção de álbuns fotográficos

e a produção de uma cultura escolar para a infância. Percebe-se uma clara intenção em registrar e documentar o ritual de passagem das crianças concluintes do jardim de infância com fins de preservação da memória individual, coletiva e institucional.

Por fim, acreditamos que esse artefato da cultura material escolar elabora uma narrativa acerca das turmas dos concluintes e da prática social que compõe o ritual de formatura, ou seja, da transição das crianças que estariam aptas a ingressarem no ensino primário. Além disso, pela análise realizada dos álbuns de fotografias, nota-se que há uma prática na produção dos álbuns fotográficos de modo artesanal, apresentando um certo padrão na organicidade em sua composição, e sua leitura nos permite evocar as memórias dos sujeitos que compõem aquele espaço, dos saberes produzidos e reproduzidos na escola, assim como refletir o lugar que ocupa a criança no referido espaço educacional.

Referências

ABDALA, Rachel Duarte. *Fotografias Escolares: práticas do olhar e representações sociais nos álbuns fotográficos da Escola Caetano de Campos (1895-1966)*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2013.

ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica. Teoria e método*. Bauru: Edusc, 2006.

AQUINO, Luciene Chaves de. *De Escola Normal de Natal a Instituto de Educação de Presidente Kennedy: (1950-1965): configurações, limites e possibilidades da formação docente*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

BARTHES, Roland. *A câmera clara: nota sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: UNESP, 2017.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda. (Org.). *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2008.

CIAVATTA, Maria. *A cultura material escolar em trabalho e educação: a memória fotográfica de sua transformação*. Educ. e Filos. Uberlândia, v. 23, n. 46, p. 37-72, jul./dez, 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/2188>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2019.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas, São Paulo: Papius, 1993.

ESCOLANO BENITO, Agustín. *Patrimonio material de la escuela e historia cultural*. Revista Linhas, Florianópolis, v. 11, n. 2, p.13-28, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2125>. Acesso em: 10 de junho de 2020.

FISCHMANN, Gustavo Enrique; CRUDER, Gabriela. *Educação & realidade: fotografias escolares como evento na pesquisa em educação*. Porto Alegre: UFRGS, v. 28, n. 2, p. 39-53, jul./dez, 2003.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*. – São Paulo: Hucitec, 1985

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

GIROUX, Henry. Os filmes da Disney são bons para seus filhos? In: STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe (orgs.). *Cultura Infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. A literatura como fonte para a história da infância: possibilidades e limites. In: LOPES, Alberto; FILHO, Luciano Mendes de Farias; FERNANDES, Rogério (Orgs.). *Para a compreensão histórica da infância*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Senac; Hucitec, 2005, p. 31.

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. Ateliê: Cotia/SP, 2009.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê, 2012.

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. *O que é fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi, LUCA, Tânia Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

MAUAD, Ana Maria. *Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces*. Tempo, v. 1, n. 2. UFF, Rio de Janeiro: 1996. Disponível em: https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf. Acesso em 18 de abril de 2020.

MAUAD, Ana Maria. *Usos e funções da fotografia pública no conhecimento histórico escolar*. Revista História e educação, Porto Alegre, v. 19, n. 47, set/dez, 2015, p. 81-108.

MENDES, Sarah de Lima. *O modelo de educação do jardim de infância natalense (1908-1953)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

MENDES, Sarah de Lima. *A criança pela lente da fotografia: representações e culturas no Jardim de Infância Modelo de Natal (1953-1965)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. *Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público*. *Estudos Históricos*, n. 21, p. 89-103, 1998.

MOREIRA, Ana Zélia Maria. *Um espaço pioneiro de modernidade educacional: Grupo Escolar "Augusto Severo" – Natal/RN – 1908/1913*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel (1997). As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M; SARMENTO, M. J. *As Crianças: Contextos e Identidades*. Braga, Centro de Estudos da Criança. Universidade do Minho.

SARMENTO, Manuel Jacinto (2004). As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da 2ª Modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, B. *Crianças e Miudos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação*. Porto, Edições ASA.

SILVA, Armando. *Álbum de família: a imagem de nós mesmos*. São Paulo: Editora Senac: Edições Sesc SP, 2008.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária*. *Educ. rev.* [online]. 2001, n.18, p. 75-101.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy. *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 163-189.

VEIGA, Cynthia Greive. *História da Educação*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2007.

Fontes e documentos

DIÁRIO OFICIAL DE NATAL, 17 de Maio de 1953. Num 693, Ano XIV.

DIÁRIO OFICIAL DE NATAL, 24 de Maio, 1953. Num 573, Ano II.

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PRESIDENTE KENNEDY. *Acervo fotográfico do Arquivo Histórico do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy*, 2021.

RIO GRANDE DO NORTE. *Decreto n. 174 de 5 de março de 1908*. Cria no bairro da Ribeira um Grupo Escolar denominado "Augusto Severo". Atos legislativos e decretos do Governo de 1908. [Typ. d' "A República"], Natal, RN, 1908a.

RIO GRANDE DO NORTE. *Decreto n.178 de 29 de abril de 1908*. Restabelece a Diretoria da Instrução Pública, cria a Escola Normal, os Grupos Escolares e Escolas Mistas. Atos legislativos e decretos do Governo de 1908. [Typ. d' "A República"], Natal/RN, 1908b.

RIO GRANDE DO NORTE. *Decreto n. 198 de 10 de maio de 1909*. Declara que o Grupo Escolar Augusto Severo será a Escola Modelo para servir de tipo ao ensino público elementar em todo Estado. Atos legislativos e decretos do Governo de 1909. [typ. d' "A República"], Natal, RN, 1910.

RIO GRANDE DO NORTE. Relatório apresentado ao pelo Dr. Rafael Fernandes Gurjão interventor federal do Rio Grande do Norte. Natal: Imprensa Oficial, 1940. p.19-23. Educação. n. 86 - APE - RN.

RIO GRANDE DO NORTE. *Mensagem apresentada a Assembleia Legislativa Estadual, na abertura dos seus trabalhos do ano de 1953 pelo Dr. Sylvio Piza Pedroza, Governador do Estado*. Natal, 1953.

RIO GRANDE DO NORTE. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa de 1952 pelo Dr. Sylvio Piza Pedroza, Governador do Estado*. Natal, 1957.

RIO GRANDE DO NORTE. *Mensagem apresentada pelo Governador Dinarte de Medeiros Mariz à Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Norte, em 1º de junho de 1960*. Natal, 1960.

Recebido em: 28/set/2020

Aceito em: 5/jan/2021